

## **MODOS DE SER JOVEM QUILOMBOLA NA CONTEMPORANEIDADE: um estudo a partir das representações sociais.**

MARIA SANTANA FERREIRA DOS SANTOS<sup>1</sup>  
LEILA CHALUB MARTINS<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este ensaio tem como tema central a discussão sobre a juventude da Comunidade quilombola Lagoa da Pedra no município de Arraias, Estado do Tocantins. O objetivo do estudo e o local da pesquisa são demarcados junto a jovens moradores desta comunidade. As indagações desta pesquisa visam compreender a elaboração dos projetos juvenis em um campo de possibilidades, caminhos individuais e coletivos. Ou seja, de que maneira os elementos sociais externos e internos complicam as relações internas e afetam a elaboração de projetos de vida identificando as crises que surgem no local a partir das relações entre família, cultura, comunidade, educação. Os sujeitos da pesquisa foram (5) cinco jovens, sendo (02) dois do sexo feminino e (03) três do sexo masculino. A metodologia utilizada é qualitativa, realizada através do trabalho de campo, por meio de entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas e fechadas com os jovens moradores da comunidade estudada. Os resultados apontam para a complexidade da vida em que se encontram os jovens nos dias atuais. Nota-se que os jovens se consideram um jovem comum, que tem seus desejos, anseios e dificuldades, porém, se relacionam com o tempo futuro e seu planejamento de formas distintas.

**PALAVRAS CHAVE:** projeto de vida, representações, comunidade quilombola.

### **ABSTRACT**

This essay is focused on the discussion of Youth Lagoon Stone Community in the city of Manta TO. The aim of the study and the research site are marked with the young people of this community. The questions of this research aimed at understanding the development of youth projects in a range of possibilities, individual and collective ways. It how external and internal social elements complicate internal relations and affect the development of life projects identifying the crises that arise on site from the relationships between family, culture, community, education. The study subjects were five (5) young people, and (02) Two female and (03) three male. The methodology used is qualitative, conducted through field work, through semi-structured interviews with open and closed with the young residents of the community studied questions. The results point to the complexity of life in which they are young people today. To note that young people consider themselves a common young man, who has his desires, anxieties and difficulties. However, relate to the future time and its planning in different ways.

**KEYWORDS:** life project, representations, quilombola community

---

<sup>1</sup> Doutoranda em educação pela UNB, professora adjunto da Universidade Federal do Tocantins/Arraias TO. CEP:77330-000. Email:msfsantos@uft.edu.br.

<sup>2</sup>Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas, é pós-doutora pelo Centre d'Analyse et d'Intervention Sociologiques - CADIS, da École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França(2011/2012).Email:leilachalub3@gmail.com..

## **INTRODUÇÃO**

Este estudo tem como tema central a discussão sobre o que é ser jovem e o que é viver a juventude na contemporaneidade. Objetivou-se com essa pesquisa, identificar as concepções de jovens moradores da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra sobre seus projetos de vida dentro de um campo de possibilidades, trajetórias individuais e coletivas. Assim, é possível identificar as relações que os jovens estabelecem com a tradição, o trabalho, o lazer, o território quilombola e a urbanização próxima. Entre o cotidiano e os projetos, se travam as dúvidas entre o ficar na comunidade ou ir para a cidade em busca de oportunidade, bem como dificuldades em dar continuidade nos estudos.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Os jovens participantes dessa pesquisa são moradores da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, localizada no município de Arraias no Estado do Tocantins. Vivem atualmente na comunidade aproximadamente 20 jovens na faixa etária dos 15 aos 29 anos, sendo que a maioria deles mora com pais ou avós e alguns em sua casa própria. Alguns jovens não trabalham nem estudam e vivem da renda familiar ou da aposentadoria dos mais velhos, enquanto outros trabalham em terras próximas à comunidade, ou saem para trabalhar e estudar em cidades vizinhas à comunidade.

Este ensaio é resultado de um estudo mais aprofundado para conclusão de curso. A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada com a participação voluntária de 05 jovens, sendo 02 do sexo feminino e 03 do sexo masculino, na faixa etária entre 15 a 28 anos.

Para coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas do tipo individual, com perguntas abertas, realizadas junto aos jovens moradores da comunidade que se definem como quilombolas, com o objetivo de identificar as representações sobre projetos de vida a partir do contexto estudado.

O método utilizado para a análise dos dados foi à análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2010), que segundo a autora, pode ser resumida atualmente como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo

das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2010, p. 44).

Partindo da indicação de alguns autores que discutem a temática em questão (ABRAMO, 2007; CANEVACCI, 2005; OZELLA, 2003; PAIS, 1993), optamos por ouvir dos próprios jovens suas percepções de mundo, através das visões de seus projetos de vida e suas atribuições de sentido significativa sua condição juvenil. Para Abramo (2007), apesar do grande interesse da academia nos últimos anos pelo tema juventude, a maior parte da reflexão é ainda destinada aos sistemas e instituições presentes nas vidas dos jovens; família, sistemas jurídicos ou penais no caso de adolescentes em situação de risco, ou mesmo estruturas sociais que conformam situações “problemáticas” para os jovens.

### **Comunidades quilombolas na atualidade**

De acordo com Munangae Gomes (2006), a história da escravidão mostra que luta e organizações, marcadas por atos de coragem, caracterizaram o que se convencionou chamar de “resistência negra” cujas formas variavam de insubmissão às condições de trabalho, revoltas, organizações religiosas, fugas, até aos chamados mocambos ou quilombos.

De inspiração africana, os quilombos brasileiros constituíram-se estratégias de oposição, a uma estrutura escravocrata, pela implementação de outras formas de vida, de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os tipos de oprimidos. Desse modo, os laços de solidariedade e o uso coletivo da terra formaram as bases de uma sociedade fraterna e livre das formas mais cruéis de preconceitos e de desrespeito a sua humanidade.

A partir de 1970, a questão quilombola foi recolocada no contexto nacional com a descoberta das comunidades quilombolas, graças, em grande parte, ao movimento negro contemporâneo e ao exercício intelectual de vários autores como Abdias do Nascimento, Clóvis Moura, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Joel Rufino, Kabengele Munanga, dentre outros. Ao lado disso, é importante mencionar a mobilização política que culminou na publicação de um artigo das Disposições

Transitórias (68), da Constituição de 1988, que dá direito à titulação das terras ocupadas.

“Terras de pretos”, “comunidades negras rurais”, “remanescentes das comunidades de quilombolas” são variações que comprovam não haver consenso quanto à questão quilombola, visto que a origem dessas comunidades aponta para a compra da terra pelos escravos alforriados, para a doação de terras pelos proprietários falidos, para a prestação de serviços em revoltas e não somente pela referência aos redutos de negros fugitivos.

Nesse sentido, historiadores e antropólogos advertem para o fato de o termo quilombo, tomado político e juridicamente, abrigar, sob um mesmo teto conceitual todas as comunidades negras cujas formações são particulares e adversas. Aqui importa lembrar, ainda, que muitas comunidades foram formadas após a promulgação da Lei Áurea, que extinguiu a escravidão, por uma forte razão: era a única possibilidade do negro viver em liberdade, em um espaço onde sua cultura não era desprezada,

Segundo Moura (1981, p. 16), o primeiro registro oficial do termo “quilombo” apareceu em uma correspondência do Conselho Ultramarino ao Rei de Portugal, em 1740. Nesta, quilombo é definido como “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco em parte despovoada, ainda que não tenha ranchos levantados nem se achem pilões neles”. Conforme Munangae Gomes (2006, p. 61), a palavra Kilombo é originária da língua banto ‘umbundo’, falada pelo povo ‘ovimbundo’ para se referir a um tipo de instituição sociopolítica militar existente na área formada pela atual República Democrática do Congo (antigo Zaire) e Angola. O autor ao se referir aos quilombos do Brasil, considera-os

[...] cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata [...] organizaram-se para fugir [...] e ocuparam territórios brasileiros não povoados, geralmente de difícil acesso [...] abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos) prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda está a buscar (MUNANGA, 1996, p. 58).

A expressão “quilombo” era usada no Brasil, desde o período colonial, para designar o ajuntamento de negros que escapavam das tentativas de captura ou morte comandadas pelos senhores de escravos (REIS; GOMES, 1996, p. 9). Moura (1981) foi pioneiro nos estudos sobre quilombos, é a partir de seus trabalhos que se começa a

pensar quilombo do ponto de vista dos negros, e como forma de resistência à escravidão.

No final do século XVI, a experiência de aquilombamento em Palmares - localizado na Serra da Barriga na Capitania de Pernambuco, que hoje abrange os estados de Pernambuco e Alagoas - motivou uma série de trabalhos. A obra pioneira, intitulada “O Quilombo dos Palmares”, foi publicada pelo antropólogo Édison Carneiro em 1947 e faz parte de estudos com perfil culturalista.

Segundo Carneiro (1988, p.13-14),

[...] o quilombo, por sua vez, era uma reafirmação da cultura e do estilo de vida dos africanos. Os quilombos, deste modo, foram – para usar a expressão agora corrente em etnologia – fenômeno contra-aculturativo, de rebeldia contra os padrões de vida impostos pela sociedade oficial e de restauração dos valores antigos.

Essa concepção serviu de referência para a criação de organizações negras como o Centro Cívico Palmares (CCP) e a Frente Negra Brasileira (FNB), nas décadas de 1920 e 1930. Mais adiante, às vésperas do centenário da Abolição, o quilombo foi definido como uma das contradições do sistema escravista:

[...] essas comunidades de ex-escravos organizavam-se de diversas formas e tinham proporções e duração muito diferentes. Havia pequenos quilombos, compostos de oito homens ou pouco mais; eram praticamente grupos armados. No recesso das matas, fugindo do cativeiro, muitas vezes eram recapturados pelos profissionais de caça aos fugitivos. Criou-se para isso uma profissão específica. Em Cuba chamavam-se rancheadores; capitães do mato no Brasil; coromangee ranger, nas Guianas, todos usando táticas mais desumanas de captura e repressão. Em Cuba, por exemplo, os rancheadores tinham costume o uso de cães amestrados na caça aos escravos negros fugidos. Como podemos ver a marronagem nos outros países ou a quilombagem no Brasil eram frutos das contradições estruturais do sistema escravista e refletiam, na sua dinâmica, em nível de conflito social, a negação desse sistema por parte dos oprimidos (MOURA, 1987, p. 12-13).

A Lei de Terras de 1850, redigida em meio ao processo de esgarçamento e desintegração do sistema escravista, contribuiu substancialmente para tornar invisíveis os africanos e seus descendentes no novo processo de ordenamento jurídico-territorial do país, não os considerando como brasileiros e denominando-os de “libertos”. Por meio desta lei, grileiros, posseiros e supostos donos de terras buscaram a regularização de suas propriedades sem levar em conta as populações quilombolas que, historicamente, ocupavam seus territórios. Daí, seguidamente, os negros foram expulsos

dos lugares onde viviam, ainda que a terra fosse fruto de herança ou de doação legalmente registrada. Pode-se então afirmar que, atualmente, a noção de quilombo para esta parcela da sociedade brasileira está diretamente relacionada à possibilidade de um direito a ser reconhecido, de uma injustiça a ser reparada, e não apenas a um passado distante, remoto, do qual resta apenas lembrar.

Após a Constituição Federal de 1988, cujo artigo 68 das Disposições Transitórias prevê o reconhecimento da propriedade das terras dos remanescentes de comunidades quilombolas, delineiam-se novas questões relacionadas aos direitos dessas comunidades. Surgem novos sujeitos, territórios e ações políticas que visam a garantir tais direitos. O texto aprovado pela Constituinte reconhecia a propriedade definitiva das terras ocupadas por “remanescentes das comunidades de quilombos”, devendo o Estado emitir-lhes os títulos. Com isto, introduzia-se uma nova pauta na política nacional: a que requeria que partidos políticos, afrodescendentes, cientistas e militantes fossem convocados a definir o que vem a ser o quilombo e quem são os quilombolas.

Até os anos de 1980, a historiografia corrente sobre o assunto, definia quilombo como local de negros fugidos da condição de escravos. O quilombo era então historicamente determinado e representava um elemento presente em um modo específico de produção, o escravista. No interior desta historiografia destacam-se os trabalhos de Moura, responsável por uma visão do quilombo a partir do próprio negro.

Do ponto de vista jurídico, ficou consolidada a denominação de “Comunidades remanescentes de quilombos”, assim definida pela Constituição de 1987. Entretanto, como bem afirma Ilka Boaventura Leite,

[...] o texto final do artigo 68 da Constituição Federal, ao falar em “remanescentes das comunidades dos quilombos” irá, inicialmente, dificultar a compreensão do processo e criar vários impasses conceituais. Aquilo que advinha como demanda social, com o principal intuito de descrever um processo de cidadania incompleto e, portanto, abranger uma grande diversidade de situações envolvendo os afrodescendentes, tornou-se restritivo, por remeter à ideia de cultura como algo fixo, a algo cristalizado, fossilizado, e em fase de desaparecimento (LEITE, 2000, p.340).

Não obstante, todos os matizes que envolvem a caracterização das comunidades negras, seja o institucional, o histórico e ou o social, uma questão posta e muito importante para a qual ainda não se tem resposta é se, efetivamente, o quilombo ou, nessa nova denominação, as “comunidades remanescentes de quilombos” expressam, coerentemente, a dimensão política da identidade negra no Brasil ou se, ao

contrário, reduz, submete a “alteridade dos diferentes grupos que sob este prisma teriam que se adequar a um conceito genérico para novos propósitos de intervenção e controle social” (ARRUTI, 2006, p. 12).

No entanto, a ideia da existência de uma identidade quilombola relaciona-se direta e indiretamente à ideia de necessidade de justiça social ligada ao reconhecimento do direito desses grupos de reafirmarem essa identidade, de terem acesso a bens materiais e simbólicos e o direito à representação política (GOMES, 2009, p. 37). O processo de formação de identidade das comunidades negras rurais no Brasil coaduna-se com a história das lutas e das resistências desses grupos à predominância de uma sociedade branca, de matriz europeia e cristã, hegemônica. No entanto, tal identidade manifesta-se distintamente, sendo formulada e reformulada, em cada contexto histórico e geográfico, no sentido de afirmação de suas especificidades (FERREIRA, 2009).

A identidade negra pode ser entendida então,

[...] como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as) (GOMES, 2003, p. 171).

Segundo Barth (1998), a autodefinição (no caso das comunidades quilombolas no Brasil, o autorreconhecimento) é a força motriz que vai direcionar as relações de interação no interior do grupo e fora dele. É através da auto definição e da auto atribuição, que se tem a constatação da identidade quilombola. Fundamental lembrar que em outros momentos a identidade étnica de uma comunidade era constatada através de sinais externos como a cor da pele e por manifestações culturais originadas dos próprios sujeitos sociais.

Convém, ainda, enfatizar que a identidade étnica não é imutável. Os elementos de uma cultura que define cada grupo étnico podem sofrer mutações ao longo dos tempos, sobretudo porque os próprios grupos étnicos selecionam os seus traços culturais, sejam baseados nas suas histórias, lembranças e memórias, ou em elementos do contexto social presente (GUIMARÃES, 2009). Nesta mesma linha de pensamento, Munanga (2004, p. 14) afirma que “a etnia não é uma entidade estática, pois os conteúdos culturais são dinâmicos, (re)definidos a partir de interações e dos contextos sociais”

Portanto, o que caracteriza uma comunidade quilombola não é apenas a questão da ocupação e demarcação de um espaço geográfico, e, sim, aspectos que envolvem questões de cidadania e direitos humanos.

### **A Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra: um pouco da sua história**

A partir de um breve levantamento sobre as práticas cotidianas das pessoas na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, verifica-se que existem vários registros escritos sobre a história e a vida das pessoas dessa comunidade. Por isso, surge a necessidade de evidenciar a importância de se registrar tudo aquilo que os mais velhos vêm dizendo, para que não sejam perdidas as informações e a riqueza das comunidades tradicionais. Os dados e apontamentos a serem apresentados a seguir são apenas iniciais, havendo, portanto, a necessidade de pesquisas no sentido de trabalhá-los em maior profundidade, no que se refere à produção da vida material e imaterial destas comunidades.

A comunidade Lagoa da Pedra se constitui como um grupo de remanescentes de quilombos, cujo reconhecimento da identidade afrodescendente, se dá a partir dos artigos 215 e 116 da Constituição Federal de 1988; da Lei nº 7.668/1988, que cria a Fundação Cultural Palmares, que tem como finalidade “promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira”; do decreto lei nº. 4.887/2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes dos quilombos; da Certidão de Auto Reconhecimento expedida em 25 de agosto de 2004 reconhecendo assim a Lagoa da Pedra como remanescente das comunidades dos quilombos.

A Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra localiza-se no sudeste do Estado do Tocantins e região norte do país, cerca de 35 Km da sede do município de Arraias - TO. Ocupa uma área de 80 alqueires, composta por trinta e três famílias, com quantitativo de aproximadamente 180 pessoas. No aspecto da história da comunidade, muito do que é conhecido dessas comunidades vêm dos registros orais, como aponta Farias (2005), em seu trabalho de Conclusão do Curso:

[...] os dados obtidos neste trabalho foram levantados com base no que disseram a maioria dos entrevistados da comunidade. O que pude perceber é que às vezes uns dizem uma coisa e outros dizem outra. Por isso eis a necessidade de estar registrando tudo aquilo que os mais



velhos vêm dizendo, para não deixar perder a cultura e a história da comunidade local. (FARIAS, 2005, p.26).

A Comunidade Lagoa da Pedra é uma comunidade rural de negros, situada no município de Arraias<sup>3</sup>. A formação desse município está ligada à mineração de ouro (séc. XVII e XVIII) para a qual concorreu a mão de obra escrava, o que explica em parte, o grande número de mestiços negros na sua população. A referida comunidade teve origem no início do século passado quando Joaquim Evangelista Machado, um provável descendente de escravos, tomou posse de uma gleba de 500 alqueires de terra. Quase todos descendentes são desse primeiro ancestral, seu sistema de produção ainda é o da agricultura de subsistência.

O nome Lagoa da Pedra originou-se do fato de existir uma lagoa com uma pequena serra de pedras no meio. Isso porque quando alguém perguntava se havia visto seus animais em algum lugar, respondiam que estavam lá na “lagoa da pedra.” Daí a origem do nome Lagoa da Pedra. Ainda hoje existe a lagoa, mas apenas no período das chuvas, pois ela não é mais perene. A serra de pedras, por sua vez não existe mais, devido ao assoreamento.

Mudanças têm ocorrido na comunidade por causa da influência que pessoas/instituições externas vem exercendo sobre a população e isso pode de certo modo influenciar ou mesmo levar a modificações em sua cultura em decorrência de sua legitimação enquanto remanescentes de quilombos. Mas apesar de a comunidade apenas recentemente ter se tornada reconhecida, algumas melhorias já passaram a chegar até ela. A Fundação Nacional de Saúde - FUNASA, por exemplo, realizou um projeto de saneamento básico, com o qual possibilitou que hoje todas as famílias da comunidade e a escola pudessem contar com banheiros e água encanada em casa.

A partir do final de julho de 2005, com o final do trabalho da FUNASA, a comunidade ganhou uma bomba elétrica e um reservatório de 10 mil litros, mas ainda não é o suficiente devido ao grande consumo de água, pois é necessário encher o reservatório cerca de cinco a seis vezes ao dia no período da estiagem. A comunidade não conta com nenhum funcionário responsável para este serviço, quem cuida é a família que mora mais próximo do local. Apesar de toda essa dificuldade de sobrevivência e da proximidade de Arraias, bem como a existência da modernidade e o

---

<sup>3</sup> Cidade bicentenária do sudeste do Tocantins, formada a partir do ciclo do ouro no século XVIII, que, de acordo com Apolinário (2000), a constituição populacional foi formada por Africanos Sudaneses, Bantos e os nascidos no Brasil.

acesso às escolas da cidade, os moradores da Comunidade Quilombola da Lagoa da Pedra não perderam suas características particulares e sua rusticidade, como apontado anteriormente.

Um das dessas permanências é o uso ainda muito habitual das plantas medicinais pelos moradores, como o boldo, erva cidreira, folhas de laranja, manjeriço, algodão, flor de mamão, carrapicho, guiné, casca de romã, casca de angico, de ipê, pacari, manga, caju e muitas outras. De algumas são usadas às folhas, outras as raízes e de outras as cascas, e são utilizadas para combater várias enfermidades como: febre, gripe, má digestão, dor de barriga, dor de estômago, dor de cabeça, cólicas, ressaca entre outras.

Uma tradição que efetivamente contribuiu para a permanência da comunidade enquanto um grupo fechado e que permanece como uma de suas características é o casamento entre membros da mesma família (entre primos), com o intuito de preservar suas origens, crenças e costumes.

Todos esses elementos apontados fazem parte das tradições culturais da comunidade e é necessário que eles sejam transmitidos aos mais jovens, pois o que se percebe é que por parte dos mais velhos existe muito medo de que a juventude não dê continuidade a estas tradições, pois, com a chegada de algumas tecnologias, esse conhecimento fica muitas vezes deixado de lado.

Outro aspecto significativo na comunidade é a religiosidade enquanto um elemento extremamente forte, pois quase todas as suas manifestações culturais são de características religiosas. Como exemplo: a Sússia<sup>4</sup>, que faz parte da roda de São Gonçalo, e que é de origem africana, trazida pelos escravos para o Brasil e é caracterizada por música agitada ao som de tambores (bumba, caixa) e pandeiro.

A Sússia era uma das diversões dos negros nas senzalas em comemorações marcantes e também no lazer. Conta-se que a Sússia era embalada em volta das fogueiras nos pousos do giro das folias. A tradição não permitia o toque físico entre os foliões e as mulheres durante o período do ofício da folia, isso porque qualquer atitude libidinosa seria profanar, ou seja, desrespeitar a presença do Divino Espírito Santo. Acredita-se que a desobediência seria punida no percurso do giro.

---

<sup>4</sup> Também conhecida como Súcica ou Suça. A Sússia é uma dança de origem africana, trazida pelos escravos, caracterizada por músicas agitadas ao som de tambores e cuícas. Uma espécie de bailado em que homens e mulheres dançam em círculos. Ela é dançada no folclore de Paranã, Santa Rosa do Tocantins, Monte do Carmo, Natividade, Conceição do Tocantins, Peixe, Tocantinópolis e outras cidades do interior Tocantinense.

A dança da Sússia é um rito de pagar promessa, onde se abre uma roda, num batuque alucinante, com palmas, tambores e cantoria as mulheres com roupas de muita roda, dançam rodopiando, mal tocando os pés no chão, e assim um vai tirando o outro para dançar, uma dupla de cada vez, não somente as mulheres, mas também os homens, e até as crianças. Segundo os mais velhos, havia mulheres que dançavam a Súcia equilibrando garrafas na cabeça. Hoje em dia ninguém mais faz isso. A jiquitaia por sua vez, é uma forma de brincadeira advinda dos tempos da escravatura. Os gestos simulam o ataque feroz das formigas pequenas e vermelhas, que são as jiquitaias. E que também dançadas junto à sússia.

Há também a dança de São Gonçalo, o santo protetor das mulheres; como uma dança que se transmite há gerações e que está sendo esquecida, pois a maioria das crianças não conhece mais. É uma dança onde as dançarinas usam roupas brancas com uma fita vermelha amarrada do ombro a cintura. As mulheres usam saias, vestidos com muita roda. São cerca de 6 a 8 pares com um par de guias que são homens. E ao som do violão com uma melodia do Bendito de São Gonçalo. Cada uma das mulheres usa um arco todo enfeitado com flores e velas (candeia de cera).

Sabemos que a cultura de um povo não se dá apenas por meio de fatos. Ela é constituída por um conjunto de fatores que vem desde a época de nossos avós. São hábitos, costumes e respeito que são transmitidos de pais para filhos, avos para netos e que devem ser preservados.

Na comunidade da Lagoa da Pedra isso não é diferente, pois a cultura é mais que uma herança genética, ela determina o comportamento do homem e identifica uma comunidade. O homem age de acordo com a sua cultura, o homem sempre se modifica, mas a cultura deve permanecer e nunca ser esquecida. A cultura é o resultado das experiências históricas das gerações passadas. As manifestações culturais podem ser transmitidas através da comunicação oral e gestos.

Portanto, valorizar e reforçar a importância dessas tradições para preservar a comunidade enquanto tal é possibilitar seus laços e vínculos, costumes e tradições, afinal foram estes que possibilitaram a preservação das características e permanência dessa comunidade atual.

## **Juventude do campo e a construção da identidade**

A juventude é um assunto bastante presente na sociedade atual e nos espaços de discussão para o desenvolvimento de políticas públicas. Apesar dos dados estatísticos serem relevantes, vários autores sugerem que os critérios fixos, numéricos, etários e biológicos são insuficientes para compreender as juventudes contemporâneas frente à complexidade relacionada aos estudos sobre essa categoria.

Na visão de Mannheim (1982, p. 91-100) a juventude é tida como força potencialmente transformadora da sociedade, sendo que enquanto nas sociedades tradicionais o poder e o prestígio são depositados nos mais velhos, as sociedades modernas contarão principalmente com a cooperação da juventude quando quiserem mudar sua filosofia social ou política. Weisheimer (2005, p. 23) ao se referir ao estilo de vida do jovem no meio rural afirma que esta cultura estaria intimamente ligada aos processos de modernização do campo, pois segundo ele, é importante considerar que atualmente até nas “regiões mais isoladas os meios de comunicação promovem a disseminação de uma cultura urbana, e com isso surgem os processos de hibridização que os jovens rurais sentem de forma bastante intensa”.

Nos resultados dessa pesquisa, vale destacar que a modernização do campo, apesar de ser uma realidade cada vez mais observada em qualquer comunidade tradicional, não atinge a todos da mesma maneira, uma vez que alguns jovens sentem esse processo de forma mais aberta em relação a outros, ou seja, depende do contexto e das condições em que cada jovem vivencia.

Uma das grandes questões em debate é definir a juventude na atualidade. Quando referida a uma fase de vida, a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada a partir de contextos econômicos, sociais e políticos e está sujeita a modificações ao longo dos tempos (PAIS, 1990).

A definição de juventude em cada sociedade passa por uma cultura social. “Em cada tempo e lugar, diferentes grupos e sociedades definem o que é ser jovem e o que esperar de suas juventudes” (NOVAES, 2008, p.3).

Para Aquino (2009, p. 25), “não há consenso em torno dos limites de idade que definem a juventude, pois esta é uma categoria em permanente construção social e histórica, variando no tempo, de uma cultura para a outra, e até mesmo no interior de uma mesma sociedade”.

Segundo Novaes (2008, p. 3), “o parâmetro mais usado para estudar a juventude geralmente é a faixa de 15 a 24 anos”, que é a definição da Organização Internacional da Juventude, mas há países que antecipam ou prolongam esta faixa etária. Segundo a autora, a Organização Mundial da Saúde define os adolescentes como pessoas de 10 a 19 anos e os jovens como pessoas de 15 a 24 anos e o termo 'gente jovem' é utilizado para incluir ambos os grupos.

No Brasil, até recentemente, era tomada por população jovem os indivíduos entre a faixa etária de 15 a 24 anos. Porém, a partir da lei 11.129 de 30/06/2005, que cria a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) e o Projovem, se estabelece uma nova faixa etária que compreende o período de 15 a 29 anos. Atualmente cresce os estudos brasileiros que adotam esse recorte.

Dessa forma se utiliza a delimitação de 15 a 29 anos, com os subgrupos de 15 a 17 (jovem-adolescente), de 18 a 24 anos (jovem-jovem) e de 25 a 29 anos (jovem-adulto).

Para Bourdieu (1983, p. 112), falar dos jovens como se fosse uma unidade social, um grupo constituído, com os mesmos interesses, é relacionar esses interesses a uma idade definida biologicamente constitui uma manipulação evidente. Segundo o autor, em sua entrevista “a juventude é apenas uma palavra”, ele defende a ideia de que é preciso estar atento aos diferentes universos sociais que permitem pensar a condição juvenil ao analisar as diferenças entre as juventudes.

Compreendem-se na realidade cotidiana, distintas situações e caminhos juvenis não lineares. Podemos citar como exemplo: jovens adultos que se casam e continuam morando na casa dos pais, ou que tem filhos e não se casam, ou que se casam, tem filhos e continuam na condição de estudantes, e as combinações não param por aí.

A construção da identidade de um jovem brasileiro hoje, seja no ambiente rural ou urbano, incorpora tanto tendências e questões individuais como sociais, agrega referências locais e globais, agrupa influências do mundo globalizado e disposições pessoais, misturando ao mesmo tempo distâncias geográficas e temporais.

A operacionalização da análise da categoria juventude deve, invariavelmente, levar em conta as “muitas” juventudes manifestas em diferentes espaços. Nesse sentido, é importante considerar como característica inerente à condição juvenil as inferências e influências do momento em que se encontram os jovens, entendido como uma transição que lhes colocam em sensível estado de mal estar. Decidir que caminho seguir, por qual

profissão se dedicar, estudar ou não, que área de estudos optar, que local de moradia, etc., é bastante complexo.

De acordo com Pais (1993), a diversidade da juventude se manifesta pelos diferentes mapas de significação que os jovens constroem devido a maior mobilidade, a diferentes mecanismos de linguagem e de valores a que estão expostos. Weisheimer (2007) explica que, no caso objetivo das ciências sociais a juventude deve ser compreendida como uma categoria relacional entre as características inerentes e manifestas pelos jovens.

A juventude tem sido objeto recorrente das Ciências Sociais, que a percebe como uma construção social, cultural e histórica dinâmica sobre a qual se impõem diferentes mecanismos de integração social, superando as abordagens pautadas por uma natureza biológica. Ou seja, o significado da juventude e do que é ser jovem é relacional a outras categorias e não se restringe a um estágio do ciclo vital ou faixa etária. O fundamental, para sua construção como categoria sociológica, é ter presente que se trata de uma representação social que não se reduz a princípios naturais. É antes de tudo um signo da relação que a sociedade estabelece, simultaneamente, com seu passado e seu futuro. Como expressão da vida social, a juventude não pode ser facilmente definida em função de um único aspecto ou característica, apresentando-se como um grande desafio teórico às Ciências Sociais (WEISHEIMER, 2007, p. 238).

A juventude rural, entendida como uma categoria social específica, também se configura diante da diversidade e da heterogeneidade. Isto decorre do fato de que não é apenas “estar” no espaço rural e situar-se numa baliza cronológica de idade que configura de modo claro o que “é” um jovem rural ou o que é “ser” um jovem rural. O fato de estarem vinculados à agricultura não os torna agricultores (FERREIRA; ALVES, 2009). O processo de categorização, ou mesmo de preocupação com a juventude rural se manifesta, como assinala Castro, na problemática de saída dos jovens do meio rural. É a partir deste fenômeno que passam a ser objeto de estudo.

No caso de jovens rurais, temos questões que dizem respeito a estar nessa realidade, com esses múltiplos contextos e com a posição de hierarquia do campo frente à cidade. Isso explica a insistência em um tema que parece sempre o ponto de partida, o “tema problema”: a migração, a permanência ou a saída do campo, a circulação. [...] o que não é novo. Existem trabalhos desde o século XIX falando sobre a migração de jovens do campo para a cidade. Mais especificamente, os estudos do campesinato realizados nas décadas de 1960, 1970 e 1980, contribuíram muito para a discussão, ainda que jovem/ juventude não fosse a categoria-chave de análise (CASTRO, 2007, p. 131).

Em termos de definição compreende-se que o jovem rural é aquele não apenas que reside no meio rural, mas que o vivencia, que participa de unidade produtiva de caráter familiar, onde ocupa espaços culturalmente definidos. É o sujeito que se relaciona com um modo de ser específico, vinculado à uma realidade onde o mundo do trabalho e o mundo da vida se fundem e se confundem. Não é, ou está imobilizado nesta condição, não é refém de um espaço ou situação, é um articulador de práticas de vida como qualquer outro, embora mantenha as suas especificidades identitárias que carregam as particularidades de seu modo de vida.

De acordo com Weisheimer (2005, p. 25) a juventude rural é identificada de 14 maneiras diferentes nos estudos: alunos rurais, jovens, jovens agricultores, jovens do campo, jovens do interior, jovens do sertão, jovens empreendedores rurais, jovens empresários rurais, jovens filhos de agricultores, jovens rurais ribeirinhos, jovens sem-terra, juventude em assentamento rural, juventude escolar rural.

Portanto, cabe ressaltar que ao partir de uma definição não se pretende isolar a categoria juventude. A relação de contatos, mobilidade e construção de novas mentalidades é inerente à condição juvenil. Concorde-se com Wanderley (2007, p. 31), que adverte no sentido de que nem o isolamento nem a diluição sejam operados com essa categoria: “[...] se não cabe isolar, não cabe também diluí-los numa pretensa homogeneidade, que desconhece as formas particulares de viver a juventude, quando se é jovem nas áreas rurais brasileiras”.

### **Construção de projetos de vida dos/das jovens**

Este estudo foi desenvolvido a luz da teoria das representações sociais. Segundo Minayo (2004) representações sociais é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção anterior ou do conteúdo do pensamento. Nas ciências sociais são definidas como categorias de pensamento, de ação e de sentimento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a.

Do ponto de vista sociológico, Durkheim é o autor que primeiro trabalha explicitamente o conceito de representação social. Usado no mesmo sentido que representações coletivas, o termo se refere a categorias de pensamento através das qual determinada sociedade elabora e expressa sua realidade. Para ele,

As representações coletivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Para compreender como a sociedade se representa a si própria e ao mundo

que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não a dos indivíduos. Os símbolos com que ela se pensa mudam de acordo com sua natureza [...]. Se ela aceita ou condena certos modos de conduta, é porque entram em choque ou não com alguns dos seus sentimentos fundamentais, sentimentos estes que pertencem à sua constituição (DURKHEIM, 1978, p. 79).

Segundo Moscovici (2010, p. 21) as representações sociais estão intimamente ligadas ao,

[...] sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função, primeiro estabelecer uma ordem que possibilitará as pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros da comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e de sua história individual e social.

Ainda para Santos (2002, p. 29) as “representações sociais surgem de ocorrências do cotidiano social e estão espalhadas na cultura, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais e nos pensamentos individuais”. As representações sociais, sendo definidas como formas de conhecimento prático, inserem-se mais especificamente entre as correntes que estudam o conhecimento do senso comum. Nesta perspectiva, para Spink (1993),

As correntes que se debruçam sobre os saberes enquanto saberes quer formalizados ou não, procuram superar a clivagem entre ciência e senso comum, tratando ambas as manifestações como construções sociais sujeitas às determinações sócio-históricas de épocas específicas (SPINK, 1993, p. 302).

Esta teoria tem se mostrado um instrumento fundamental para a compreensão das aparentes discrepâncias e dicotomias emergentes no complexo processo de conhecimento de um dado fenômeno social. Para tanto, possui o impacto do cotidiano na construção do conhecimento como pressuposto fundamental. Portanto, representar, nesta perspectiva, não significa reproduzir ou duplicar, representar significa reconstruir. Em outras palavras, representar é participar ativamente do processo de construção da sociedade e de si.

As representações estão ligadas a sistemas de pensamento ideológicos ou culturais mais amplos, a conhecimentos científicos, à condição social e à esfera da experiência privada dos indivíduos. Assim, elas apoiam-se em valores variáveis



segundo os grupos sociais de onde tiram suas significações, e em saberes anteriores, os quais são lembrados por uma situação social específica (JODELET, 2001).

Na abordagem da Juventude como representação social e autorrepresentação o termo ‘juventude’ designa um conjunto de relações sociais específicas, vividas por elementos classificados como jovens em uma dada sociedade. Weisheimer (2005) enfatiza que mais do que uma faixa etária, a juventude pensada como representação social fala-se em “condição juvenil”.

Esta condição aparece como uma posição na hierarquia social fundada em representações sociais, ou seja, busca-se apreender os significados atribuídos, que define quem é e quem não é jovem em um dado contexto sociocultural. Dessa forma, esses critérios de inclusão e exclusão de quem entra e quem sai da categoria jovem são socialmente construídos, tornando-se móveis suas fronteiras. Esta abordagem permite nos entender a constituição de diferentes expressões juvenis, como realidade múltipla, fundada em representações sociais diversas.

A temática ‘projeto de vida’ é trabalhada neste estudo a partir do referencial de Schutz (1979). Para o autor, projeto de vida é “instrumento básico de negociação da realidade com outros atores”, sejam eles indivíduos ou coletivos. Portanto pode ser considerado como instrumento de comunicação e forma de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos e concepções de mundo.

Projetos de vida estão ligados historicamente a distintas visões de mundo e de futuro e refletem as representações sociais a seu respeito em determinada sociedade. Podemos supor que ao se referir a um projeto de vida o jovem representa de alguma maneira o que ele compreende que se encaixa no tempo e história do mundo em que vive e reflete, portanto, componentes mais amplos de uma estrutura social.

As condições de construção de um projeto de vida tem se modificado continuamente em consequência dessas modificações. A partir dessas transformações, existem grandes dificuldades de se pensar em projetos de vida em nossas sociedades contemporâneas, visto que suas principais características são as incertezas e as preferências do que faremos.

Projetos de vida, geralmente é o procedimento utilizado que despacha a algum tipo de rascunho, plano, intenção. A noção de projeto de vida estaria ligada a diferentes alterações e sofre influências das expectativas sociais e familiares.

Para melhor realização de um projeto, o jovem tem que se conhecer, descobrir o gosto que se sente prazer em fazer, experimentar suas potencialidades e assim será

maior a sua capacidade de elaborar os seus projetos. Assim, quanto mais conhece a sua realidade melhores e maiores são as possibilidades na área onde queira atuar.

Alguns jovens não conseguem calcular planos em consequência de visibilidade de futuros arriscados e outros se dedicam a planos bem elaborados. Estas realidades convivem ao mesmo tempo nas sociedades contemporâneas.

Segundo Schutz (1979) o projeto de vida no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções ancoradas nas avaliações e definições da realidade. Segundo o autor, a ação é consciente, no sentido em que, antes de a realizarmos, temos em nossa mente uma figura do que vamos fazer. Um projeto de vida enquanto projeto do ato e não do ato em si pode ter qualquer grau de clareza, desde a vagueza até o máximo de detalhe. O projeto do ato é na verdade um mero esboço, com muitas lacunas e variáveis. “Essas lacunas são preenchidas e as variáveis recebem valores conforme a ação progride, passo a passo” (SCHUTZ, 1979, p. 127).

Para o autor, as antecipações no pensamento do senso comum da vida diária possuem horizontes em aberto e que podem ou não ser preenchidos quando o evento antecipado ocorrer. Em síntese, essas considerações abrem espaço para ampliar o estudo; um leque de possibilidades referenciais de constituições de projetos, a partir das interações que ocorrem no local estudado, uma vez que os jovens participantes dessa pesquisa se relacionam continuamente com diferentes contextos e visões de mundo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Apresentaremos nesse tópico os resultados da pesquisa relacionados ao campo investigado com o objetivo de analisar os conteúdos referentes às representações sobre juventudes contemporâneas e seus projetos de vida da comunidade quilombola Lagoa da Pedra.

Para organizar os conteúdos, que são apresentados e discutidos a partir das falas dos 05 jovens entrevistados, fez-se a leitura das entrevistas buscando identificar unidades temáticas de significação segundo a teoria utilizada como guia de leitura. Após a análise preliminar, delimitou-se 2 (dois) eixos de leitura: 1. Representações da juventude e do jovem quilombola; 2. Projetos de vida;

## Representações da juventude e do jovem quilombola

a) Ser jovem, adolescente ou adulto.

Ao questionar os jovens se eles na atualidade se consideram como adolescentes, jovens ou adultos, a grande maioria se considera jovem, pois atribui ao estilo de vida e elementos relacionados à responsabilidade da paternidade, compromissos ou experiência de vida para se auto classificar, como veremos nas respostas a seguir:

Adolescente. (Jovem 1)

Jovem. (Jovem 2)

Eu me considero jovem, porque atualmente estou na fase de amadurecimento, na fase de aproveitar muita coisa. (Jovem 3)

Jovem, porque acredito que tenho responsabilidade, e é nesta etapa da vida, que acordamos para o mundo. Acredito eu que tenho capacidade de lutar por eles e vencer esses desafios que é colocado diante de nós. (Jovem 4)

Adulto. Já tenho uma responsabilidade a cumprir, filhos para educar, enfim uma família a cuidar. (Jovem 5).

Diante das falas, a representação da juventude aparece como liberdade, curtir a vida, ficar em casa, ter maiores responsabilidades, preocupação em relação ao futuro. Estes elementos definem a sua condição de ser, adolescente, jovem ou adulto.

Nessa linha de pensamento, Capelo, Martins e Amaral (2007, p. 206) enfatizam que “definir a faixa de idade não é suficiente para definir o jovem. É preciso que o próprio jovem se defina como tal”. Assim, há uma aproximação da teoria de Fredrik Barth (2000), que expressa a necessidade de reconhecimento por parte do indivíduo para que seja posicionado e pertencente a determinado grupo ou para usufruir e lançar mão de um código identitário. Estereotipar o jovem é colocar um rótulo que geralmente não cabe nele.

Quando questionados sobre o que é ser jovem na atualidade, constantemente associam a poder sair, passear, não ter tantas responsabilidades como o adulto. Mas ao mesmo tempo, a juventude associa à necessidade de pensar no futuro, por meio dos estudos para se ter um bom emprego.

Ser jovem é a fase que deixa a adolescência e começa a agir com maior responsabilidade planejando o seu futuro. (Jovem 1)

É viver novas aventuras, novas experiências, desfrutar das coisas boas do mundo. (Jovem 2)

Ser jovem é sonhar pelo futuro e lutar por uma vida melhor. Estar atentos aos sinais dos tempos, às necessidades dos mais pobres, aos olhares dos que sofrem e aos gritos dos que clamam por justiça. (Jovem 3)

Ser jovem é curtir a vida com responsabilidade, é lutar pelos seus direitos e deveres e ser cidadãos perante a sociedade. (Jovem 4)

O jovem enquadra na educação, no lazer, no convívio familiar, social, no trabalho e em todos os projetos que vem beneficiar a vida humana. (Jovem 5)

As representações da juventude aparecem como um processo intermediário, ligados ao compromisso com o futuro, a um período de preparação, porémdetentora de elementos como impulsividade, vaidade e maior liberdade do que adulto.

Assim, as representações da juventude parecem estar ancoradas em dois eixos: No primeiro a juventude aparece como associada a “liberdade” em contraponto com o adulto que gosta mais de ficar em casa e que tem maiores responsabilidades; no segundo eixo aparece ancorada na “preocupação em relação ao futuro”, relacionada aos estudos e profissão. Nota-se que a idade não aparece vinculada diretamente aos conceitos adolescente, jovem ou adulto. Para os/as entrevistados/as são esses outros elementos, descritos anteriormente que definem a sua condição.

#### b) Representações do que é ser jovem quilombola

Quando estimulados a falar se o jovem se considera como quilombola, as respostas espontâneas aparecem associadas, à cor, descendência familiar, moradia, cultura e reconhecimento e pertencimento à comunidade.

Sim. Porque somos uma comunidade reconhecida como remanescente de quilombo e a partir do reconhecimento passamos a ter nossa identidade como quilombola, a qual me sinto orgulhosa. (Jovem 1)

Sim. Porque sou filho, neto, bisneto de remanescente de quilombo e moro numa comunidade quilombola. (Jovem 2)

Sim, por ser descendente de quilombo e pelo reconhecimento. (Jovem 3)

Não, porque não sou e não tenho descendente de quilombo. (Jovem 4)

Não. Porque a comunidade ainda se encontra em um estado onde precisa desenvolver muito para padronizar à uma comunidade quilombola começando pela saúde, Educação etc. (Jovem 5)

Assim, ao mesmo tempo em que a maioria das/dos entrevistados/as expressam em seus discursos, a percepção de que pertencer à comunidade e poder ser considerado quilombola representa acesso a certas oportunidades que não teriam fora da comunidade, outros dizem não serem quilombolas por não ser descendente de quilombo ou pelo fato da comunidade apesar do reconhecimento, não ser organizada.

### c) Como é vista atualmente a juventude na comunidade

As falas sugerem em geral, uma série de elementos complexos que envolvem a autorrepresentação de ser jovem quilombola nesta comunidade, como mostram os depoimentos abaixo.

Atualmente a juventude na comunidade está sendo esquecida. As políticas públicas para o jovem quilombola ainda não chegaram até nós, os jovens estão desestimulados sem demanda de emprego e curso de formação, área de laser e etc. (Jovem 1)

Como uma juventude guerreira que apesar da falta de recursos ainda correm atrás dos sonhos. (Jovem 2)

A juventude é vista como o futuro da comunidade. (Jovem 3)

Bom, a juventude na comunidade hoje, pensa em um padrão de vida melhor, é uma juventude sonhadora, que pensa em melhorar a comunidade em que vivem. (Jovem 4)

Na escola, no trabalho com os pais, em algumas comemorações da comunidade. (Jovem 5)

Constata-se que para a maioria dos entrevistados a juventude quilombola é vista como, guerreira, forte, o futuro da comunidade. No entanto, é notória também a clareza de um entrevistado quando afirma que a juventude está esquecida pelas políticas públicas.

## Representações dos projetos de vida

Quando questionados sobre o que é para eles projeto de vida, os jovens entrevistados fizeram várias associações desprendidas. Para eles, a conquista dos projetos passa primeiramente por se tornarem profissionais e terem melhores empregos.

Neste sentido, enxergam na formação profissional um possível caminho. Os planos geralmente se vinculam as melhores chances de trabalho e renda para conquistarem bens de consumo ou melhores condições de vida tanto para eles próprios como para sua família. Mas também alguns projetos aparecem ancorado sem auto superação, através da conquista de seus sonhos. Alguns jovens também registram a necessidade de conquistar a independência financeira.

Terminar os estudos, cursar uma faculdade, buscar melhoria tanto pra mim e minha família, quanto pra comunidade em que vivo. (Jovem 2)

Estudar e encontrar um emprego. (Jovem 3)

Dessa forma, podemos observar que seus projetos de vida geralmente se objetivam mediante expressões como família, ter uma vida melhor. Essas são as formas apontadas para a concretização desses projetos que passa geralmente por ter uma profissão, um trabalho ou educação superior.

Terminar os estudos, prestar vestibular e realizar meus sonhos que é jogar futebol. (Jovem 1)

É prestar um vestibular, fazer um curso de arquiteto e informática e ter um padrão de vida melhor. (Jovem 4)

Criar meus filhos, dar uma ótima educação, compartilhar minha vida com a esposa em fim ser muito feliz. (Jovem 5)

Quando perguntados se eles acham que morar numa comunidade rural interfere nos seus projetos, existem duas inferências que emergem em suas falas. Para alguns, o fato de viver em uma área rural dificulta o acesso a possibilidades de inserção profissional e educação.

Através dos depoimentos é possível entender que o fato de estar na comunidade rural interfere enquanto diminuição de condições e oportunidades de trabalho e estudo.

Não. Porque não importa onde você mora. O que importa é você lutar pelos seus objetivos de vida. (Jovem 1)

Não. (Jovem 2)

Sim, a dificuldade de sair da comunidade pra viver na cidade. (Jovem 3)

Sim, porque para realizar o meu projeto preciso sair. Mas não quero deixar a comunidade. (Jovem 4)

Não. Muito pelo contrário aqui produz quase de tudo não tenho grande dificuldade em conseguir o básico para meu sustento. (Jovem 5)

Vale destacar que nem todos os jovens entrevistados pretendem permanecer na comunidade. Notamos que os que pretendem permanecer conseguem vislumbrar possibilidades de acesso aos seus projetos conciliando ficar na comunidade. Para alguns jovens entrevistados o único meio de conquistarem seus projetos é sair da comunidade.

Sair. Porque na comunidade não fornece estrutura suficiente para realizar os meus objetivos. (Jovem 1)

Sim. Vou sair para fazer faculdade mais pretendo voltar. (Jovem 2)

Nunca pensei sair daqui. No entanto, as oportunidades que nós temos aqui é muito pouco. Por isso pretendo sair para estudar e encontrar um emprego aqui mesmo. (Jovem 3);

Permanecer, porque é aqui que esta minha raiz e também por ser um lugar tranquilo e sem violência. (Jovem 4)

Permanecer. É daqui que tiro meu sustento e de toda minha família. (Jovem 5).

As discussões em torno da juventude rural se referem, mais detidamente, a dois polos: êxodo e permanência (BRUMER, 2007). Contudo, os fatores envolvidos nessa problemática também suscitam abordagens específicas. O primeiro deles refere-se à situação de invisibilidade. Além desse tem-se: os processos de saída, isto é, os mecanismos de inserção em atividades urbanas; o envelhecimento da população rural; a saída recorrente “das jovens” e a consequente masculinização da população do campo; a probabilidade de uma situação de celibato entre os jovens do sexo masculino; os

problemas de acesso à educação no campo; a característica urbana das escolas do campo; as demandas por atividades de lazer; demandas por acesso a informação (internet); demandas por acesso à renda; os processos de sucessão; os conflitos familiares e as estratégias de permanência lançadas por uma parcela desses sujeitos.

A situação de invisibilidade da juventude rural é constituída pelo não reconhecimento dessa categoria como agente social. É percebida como um grupo em crise, que precisa tomar suas decisões de acordo com a expectativa exterior. De certa maneira a ênfase na tendência migratória dos jovens é compreensível pelo fato de que essa saída é um fenômeno entendido como um problema, “pois contribui para o esvaziamento do campo e pressagia o fim do mundo rural” (FERREIRA; ALVES, 2009, p. 245).

O não atendimento das demandas, das necessidades e dos anseios dos jovens rurais, configura como mencionam Malagodie Marques (2007, p. 202), o elemento motivador principal das saídas. Contudo, são “as dificuldades em conjunto, vividas pelo núcleo familiar, que pesam sobre a decisão de migrar”. Essas dificuldades se manifestam na estrutura de distribuição da terra e transformam-se num entrave à reprodução agrícola e na conseqüente migração dos jovens (WANDERLEY, 2007, p. 24). Como assevera Weisheimer, a falta de oportunidade de trabalho e geração de renda, dada a impossibilidade de reprodução das unidades produtivas é que levam os jovens a migrar.

A questão da identidade para estes jovens vem da superação e da ideia de que existe um eu interior natural, separado do mundo exterior, retirando uma máscara que já vem do seu interior com o qual já nasceram. Esta vai sendo construída por cada um, por meio das relações que estabelece com o mundo e com os outros, a partir do grupo social a que pertence, do contexto familiar, das experiências individuais, e de acordo com os valores, ideias e normas que organizam sua visão de mundo.

Quando o assunto é a educação, através do significado dos estudos, nota-se que o tema assume diferentes significados. Ao mesmo tempo em que o estudo é considerado importante à medida que está ancorado em estratégias para a conquista do trabalho viabilizando a elevação social, os jovens percebem que o estudo serve como estratégia para não ser passado para trás, como mostra os depoimentos abaixo:



Praticamente tudo. Pois é com o estudo que vou dar meus primeiros passos para a busca do sucesso, mas não quero sair daqui. Quero voltar e ajudar minha comunidade. (Jovem 1)

O futuro digno que quero ter, ser gente. O estudo representa muito, sem estudo a gente não consegue nada na vida muitos tem oportunidade e não aproveitam jogam tudo fora. E a gente aqui não tem.(Jovem 2)

A oportunidade de mudar de vida e não ser manobra de ninguém (Jovem 3)

Praticamente tudo, conhecimento, aprendizagem, desenvolvimento é a minha maior segurança. (Jovem 4)

Tudo. Sem o estudo nada você consegue porque ele é o centro de referência para qualquer emprego. (Jovem 5)

Algumas falas também demonstram o estudo como oportunidade que não está acessível igualmente para todos. Alguns deixam implícito que alguns jovens da comunidade têm menos acesso do que outros jovens da própria comunidade e se comparam com jovens de condições sociais mais favoráveis.

No geral, nota-se que a educação para a comunidade apesar de ser valorizada pela maioria, passa a ser um ponto de tensão ao inserir novos valores e padrões culturais distintos dos padrões vigentes da comunidade. Os adultos, com algumas exceções, depositam nos mais jovens a esperança de que com o acesso à educação, muitos poderão projetar a comunidade.

Percebe-se ainda que os próprios jovens colocam na juventude, as esperanças e as frustrações que podem comprometer o seu futuro na comunidade, como um reflexo social mais amplo. No entanto, podemos observar de forma implícita em suas falas que a maioria dos jovens entrevistados se considera responsáveis com o projeto coletivo.

## **CONCLUSÃO**

A partir da análise das entrevistas e do aporte teórico utilizado, nota-se que a juventude da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra se considera um jovem comum, que tem seus desejos, anseios e dificuldades. Para os participantes da pesquisa a responsabilidade está atrelada a certo compromisso com o futuro, que passa por estudar e dedicar um pouco do seu esforço para garantir a entrada na vida adulta através da inserção profissional.

No entanto, ao mesmo tempo a responsabilidade com o futuro é constantemente lembrada. A liberdade parece ser outro elemento de destaque no discurso dos entrevistados sobre o que é ser jovem. Em relação aos projetos de vida, observa-se que para a maioria dos entrevistados pensar no futuro é pensar em formas de inserção social, idealizada por meio do trabalho, profissão e estudo. O tempo da juventude é para se preparar para conquistar um futuro melhor.

Pode-se entender que os projetos de vida dos jovens entrevistados da comunidade quilombola Lagoa da Pedra são entendidos como projetos que lhes permitam acesso primeiramente a uma vida tranquila, que lhes dê condições de acesso a bens de consumo e melhores condições financeiras e de acesso aos bens culturais também do urbano. Ainda sobre esse aspecto é importante observar que os projetos individuais referenciados pelos entrevistados estão em constante evolução. Ao mesmo tempo em que pensam em projetos individuais, observa-se que a estrutura de seus projetos não pode ser classificada como meramente individualista.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABRAMO, Helena. Debate. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **Escravidão Negra no Tocantins Colonial: vivências escravistas em Arraias (1739 – 1800)**. Goiânia: Kelps, 2000.

ARRUTI, José Maurício. **MOCAMBO - história e antropologia do processo de formação quilombola**. Bauru/São Paulo: EDUSC/ANPOCS, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARTH, Frederic. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

\_\_\_\_\_. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: Editora Fundação da Unesp, 1998

BRUMER, Anita. A Problemática dos jovens rurais na pós modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. pp. 35-52

BRASIL. Secretária-geral da Presidência da República. **Guia de Políticas Públicas de Juventude**. Brasília: Secretária-geral da Presidência da República, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. p. 112-121, 1983.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas: Mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CAPELO, Maria Regina Clivati; MARTINS, Sueli Aparecida; AMARAL, wagner Roberto. Jovens do campo: a procura de visibilidade social. In: JEOLÁS, LeilaSollberger; PAULILO, Maria Angela Silveira; CAPELO, Maria Regina Clivati. **Juventudes, desigualdades e diversidades: estudos e pesquisas**. Londrina: Eduel, 2007. pp. 203-252

CASTRO, Elisa Guaraná de. Balanço e perspectivas. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. pp. 128-135.

\_\_\_\_\_. Elisa Guaraná de (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. pp. 197-214.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Pensadores. São Paulo. Editora Abril, 1978.

FARIAS, Rosana Antônio. **Comunidade Remanescente de Quilombo Lagoa da Pedra: estudo de Caso**. (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação) UFT/Arraias, TO, 2005.

FERREIRA, Brancolina; ALVES, Fabio. Juventude rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. In: CASTRO, Jorge Abraão de; AQUINO, Luseni Maria C.; ANDRADE, Carla Coelho de (Orgs.). **Juventude e políticas públicas no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009.

FERREIRA, Simone Raquel Batista. **“Donos do lugar”**: a territorialidade quilombola no Sapé do Norte, ES. Tese (Doutorado). Instituto de Geociências. Departamento de Geografia. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2009.

GOMES, Lilian Cristina Bernardo. **Justiça seja feita: direito quilombola ao território**. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: FFCH/Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In: **Educação e Pesquisa**. vol.29 no.1 São Paulo Jan./June 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022003000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022003000100012&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 de jun. de 2015.

GUIMARÃES, Soares Alice. A emergência das identidades étnicas na Bolívia contemporânea: processos e atores. In: DOMINGUES, José Mauricio. **A Bolívia no espelho do mundo**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2009.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um Domínio em Expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2001.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil**: questões conceituais e normativas. Etnográfica, Vol. IV (2), 2000. Disponível em <http://www.ceas.iscte.pt>. Acessado em 12 de agosto de 2015.

MANNHEIM, Karl. **O problema sociológico das gerações**, In Foracchi, M.A (org). Mannheim, col. Grandes cientistas sociais, São Paulo: Ática, 1982.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social.7ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo, Editora Global, 2006.

\_\_\_\_\_. Povo negro. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**. SP.(28). Dez./95, jan/96, p.58.2006

MALAGODI, Edgard; MARQUES, Roberto. Para além de ficar e sair: as estratégias de reprodução social de jovens em assentamentos rurais. In: CARNEIRO, Maria José;MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

NOVAES, Regina. Juventudes faixas C, D e E-perfil, demandas e imaginário. In: **Seminário Juventude e Teledramaturgia**. São Paulo, 2008.

OZELLA, Sergio. (Org.). **Adolescências construídas**: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003. p. 17-39.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1993.

\_\_\_\_\_. A construção sociológica da juventude—alguns contributos. In:**Análise Social**, vol. XXV (105-106), 1990 (1º. e 2º) 139 -165.

\_\_\_\_\_. Dos relatos aos conteúdos de vida.In: \_\_\_\_\_.**Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro.2.ed. Porto: Ambar, 2003.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais**, Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SPOSITO, Maria Pontes. **Os jovens no Brasil**: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

THORNTON, John Kelly. **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400-1800**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2004.

WEISHEIMER, Nilson. Socialização e projetos de jovens agricultores familiares. In:

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. pp. 237-252

\_\_\_\_\_. **Juventudes rurais**: mapas de estudos recentes. Brasília: MDA, 2005.

\_\_\_\_\_. **A situação juvenil na agricultura familiar.** Tese de doutorado em Sociologia. UFRGS, 2009.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). **Juventude rural em perspectiva.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.pp. 21-34